

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PUGILISTAS ITALIANOS E IDENTIDADE NACIONAL NO JORNAL IMIGRANTE *IL PASQUINO COLONIALE* (DÉCADAS DE 1920 E 1930) ^{1,2}

Igor Cavalcante Doi

Mestre em Educação Física

Faculdade de Educação Física, Unicamp

igorcavalcantedoi@gmail.com

Embora a construção e a difusão de uma ideia de Itália tenha sido vagarosa e difícil (devido à recente unificação do país, à difusão lenta do nacionalismo para as populações menos letradas e aos nacionalismos marginais – ou “regionalismos”), a vida dos colonos italianos nas cidades, principalmente nas capitais, contribuiu para a promoção de uma italianidade entre as classes médias e burguesas no início do século XX, fosse por seu acesso à cultura letrada – especialmente a imprensa – ou pela vida associativa relativamente mais intensa que a do interior rural. A Primeira Guerra Mundial, assim como a ascensão do regime fascista na Itália contribuíram para que, nessas cidades, parte dos italianos se engajasse cada vez mais em seu nacionalismo. Em seus jornais, sobretudo naqueles que podemos enquadrar sob a rubrica de um periodismo burguês, os discursos nacionalistas buscavam reafirmar constantemente o pertencimento e a condição nacional de seus patrícios. Entre eles, estava um jornal de pretexto humorístico, que circulou com boas tiragens entre 1909 e 1941, o *Il Pasquino Coloniale*. Fundado por Arturo Trippa, em São Paulo, esse jornal, recheado de anedotas e charges que faziam rir semanalmente os colonos, fazia também a sua parte em reforçar sempre a condição nacional de seus leitores. E, dentre as várias coisas que poderiam ser usadas com esse fim, nos interessamos aqui particularmente pelo pugilismo esportivo, ou boxe, como uma prática capaz de robustecer a identidade. O que procuramos, em outras palavras, é *se e como* o pugilismo poderia ser conectado a discursos nacionalistas. Quais seriam, portanto, as relações que a prática do boxe poderia estabelecer com a identidade nacional dos italianos no Brasil nos discursos de um periódico imigrante? Ou ainda: será que as representações de nacionalidade poderiam ser vinculadas ao boxe a partir da palavra impressa? Para tanto, recorreremos aos arquivos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, centrando a busca naquilo que notamos, ao longo de nossas pesquisas, ser o mais significativo elo entre o pugilismo e a identidade nacional naquele jornal: os atletas italianos ou ítalo-brasileiros. Desse modo, compreendemos que boxeadores como Italo Ugo, Erminio Spalla, Romolo Parboni e Primo Carnera eram ícones nacionais que, ao representarem a sua nacionalidade no esporte, forneciam à imprensa uma oportunidade de rememorar a identidade e reproduzir assim continuamente a imaginação da comunidade.

Palavras-chave: pugilismo; imigração italiana; identidade nacional.

Introdução

-
- 1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001-P-3379/2017.
 - 2 Os resultados deste trabalho foram publicados primeiramente na revista *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 46, pp. 182-206, jan.-abr. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“Realmente criamos”, dizia, em seu humor espirituoso, a crônica publicada em 1926 pelo *Il Pasquino Coloniale*, “que 'a arte nobre' pudesse ser a pintura, a escultura ou outra porcaria dessas. Em vez disso, arte nobre é o espancar com murros” (CAZZOTTI, 1926a, p. 16). Apesar de o gracejo aparentar certo nível de contrariedade, a prática pugilística passava a gozar de amplo prestígio naquela fremente década de 1920 em São Paulo, quando aparecia massivamente nas páginas do jornal. Potente ao mexer ambigualmente com sentimentos de desconfiança (por sua agressividade) e de êxtase (por seu espetáculo), o boxe ganhou esse espaço considerável em meio aos modernos esportes que tomavam as cidades e seus periódicos, sobretudo por seu êxito em tornar-se um produto bastante rentável. Foi em 1921, na arena *Boyle's Thirty Acres*, em Jersey City (EUA), que o empresário “Tex” Richard mostrou ao mundo de modo mais impactante o negócio milionário em que a luta se transformara.

No hemisfério oposto do planeta, essa repercussão atingiu toda a imprensa; através dela, as classes letradas e, além deles, também os não leitores. Entre primeiras páginas e artigos volumosos, o boxe chamava de maneira inédita a atenção dos que viviam nas cidades brasileiras. E foi na capital paulista que um jornal bem-humorado, que vivia de chistes, anedotas e caricaturas, decidiu que escreveria também sobre essa nova prática que tomava as laudas de seus concorrentes. De início relutante, mas logo com paixão, o Pasquino permitiu-se levar pela onda pugilística que movimentou o cenário esportivo daqueles anos.

Como foi comum a outras práticas esportivas desse período (e por todo o século XX), esse esporte de combate também se viu envolvido em sentimentos e discursos nacionalistas. Ambos fenômenos marcadamente modernos, esporte e nacionalismo forneceram vários pontos de intersecção para instigar os anseios analíticos dos historiadores. E é desse ponto que partimos a nossa pesquisa, com o intuito de investigar as relações entre o esporte, especificamente a prática pugilística, e a identidade nacional de imigrantes italianos no Brasil. Como bem disse Chartier (1988, p.23), as práticas culturais “visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição”.

Foi nas cidades que a ideia de italianidade mais se fortaleceu entre os imigrantes italianos. Em face de uma unificação política tardia e enfrentando identidades regionais, a condição nacional foi sendo reconhecida e disseminada pelo periodismo e pela vida

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

associativa que a convivência urbana impulsionava (TRUZZI, 2016). Tal sentimento de condição nacional cresceu notavelmente com o envolvimento da Itália na Primeira Guerra Mundial (ROGHATTO, 1990) e se intensificou sobremaneira com o advento do regime fascista (TRENTO, 1986). Ainda que esse fascismo tenha sido interpretado por alguns estudiosos como “difuso” (BERTONHA 2012), a influência do discurso fascista deve ter sido o maior apelo nacionalista conhecido na história da imigração italiana no Brasil, principalmente entre as classes médias e burguesas.

É nesse efervescer nacionalista, que se deu tanto na Itália quanto entre os imigrantes no Brasil, que buscamos investigar as relações entre esporte – neste caso, especificamente o pugilismo – e a identidade nacional italiana. Fazemos isso pois, através desse jornal, *Il Pasquiuno Coloniale*, que se preocupa em fazer humor, mas que é também uma das vozes da (e para a) colônia italiana no Brasil. A imprensa aqui é nossa fonte privilegiada, porque entendemos que “de fato o esporte foi assunto preferencial do periodismo paulistano no início do século, abordado em artigos de fundo, seções especializadas, chamadas de capa, ilustrações de toda ordem e muita caricatura” (MARTINS, 2011, p. 343) e também porque ela foi artefato fundamental para a construção das identidades nacionais, como bem mostrou Benedict Anderson (2008). É por isso que, no caso da imprensa burguesa italiana no Brasil, como afirmou Trento (2013, p. 31),

Tratava-se, substancialmente, de formar mais do que informar, de modelar consciências, de “fazer italianos”, de reforçar (e, por um longo tempo, até mesmo criar) uma identidade étnica, um “espaço de identidade” [...]. Os periódicos apoiavam cada sintoma de uma italianidade que foi por muito tempo impalpável na coletividade – objeto obscuro do desejo mais do que realidade verificada – e tentavam infundir nos imigrados a consciência da própria dignidade, como grupo étnico e como indivíduos.

Desse modo, podemos ver a imprensa como “[...] receptáculo das informações fragmentárias do dia a dia urbano, o que faz do jornal um suporte inestimável para uma reconstituição pormenorizada dos grandes acontecimentos sociais, dentre eles os relativos ao próprio do Esporte” (HOLLANDA; MELO, 2012, p. 15). Mas também, e principalmente, devemos entender que os discursos não são apenas reflexos da realidade, mas produtores dela, na medida em que afirmam representações (HUNT, 1995).

"Cada numero um successo... - é o que se póde dizer em relação ao apreciado semanario humoristico italiano 'Il Pasquino Coloniale'. Texto riquissimo, excellentes

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

charges", era o que dizia a Gazeta, em 1918, sobre o nosso jornal (IL PASQUINO..., 1918, p. 3). Que era relevante na colônia, não só os comentários entusiásticos de outras folhas nos dão essa evidência, mas também a tiragem, que chegou em uma ocasião a trinta mil exemplares, e também a sua duração: foi fundado por Arturo Trippa em 1909 e, crescendo em meio ao ambiente de efemeridade do periodismo imigrante, continuou ativo até pelo menos 1941, quando encontramos seu último vestígio. Nesse percurso, em que foi dirigido por muitos nomes, com diferentes posições políticas e maneiras de conduzir o negócio, o Pasquino afirmou suas visões de mundo, de italianidade e de boxe, dentre muitos outros, através de um humor que era ora brando e brincalhão, ora satírico e espirituoso. Fazia valer, assim, em suas piadas, suas representações.

Neste trabalho, em particular, questionamos: quais seriam as relações que a prática do boxe poderia estabelecer com a identidade nacional dos italianos no Brasil nos discursos de um periódico imigrante? Ou melhor: será que as representações de nacionalidade poderiam ser vinculadas ao boxe a partir da palavra impressa?

Boxeadores pela memória e honra da Itália

“Um honorável abandono”. Era assim que o Pasquino apresentava ao seu público a derrota que Italo Ugo sofrera do português Tavares Crespo em 1926. Em nada a resignação lhe feria a imagem, dado que foi uma escolha, e não uma gafe, que o tirara do quadrilátero naquela ocasião. Como observou Loïc Wacquant (2004, p. 79)– em uma situação bastante distante da nossa, é verdade, mas nem por isso menos elucidativa – “toda vez que um boxeador pisa no ringue, mesmo que seja para 'mexer-se' com um novato, ele coloca uma fração de seu capital simbólico em jogo: a menor falha ou deslize, como um knockdown ou um desempenho descuidado, traz um embaraço imediato ao lutador”. Mas Italo não desempenhara mal, aos olhos de seus patrícios – pelo contrário: protagonizara uma derrota heroica, impondo-se severamente contra seu adversário, segurando-se contra um lutador de alto nível por longos oito *rounds* e saindo com a moral intacta e como uma grande promessa para o futuro próximo, na opinião dos cronistas pasquiniais.

Filho de imigrantes italianos, foi por um breve período bastante querido pelo jornal, que fazia questão de enfatizar sua italianidade com frequência. Pois não era qualquer lutador, era um lutador *italiano*, e daí a sua relevância e todo o clima de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

excitação que produzia no periódico. Era o “macarrão italianinho” quando bateu Tobias Bianna (SCACCHI..., 1930, p. 12) e, na ocasião de sua luta contra Crespo, de “Italo não apenas tem o nome mas também a fala” (CAZZOTTI, 1925a, p. 15). Em fevereiro de 1926, o Pasquino faz uma correção à publicação da *Folha da Noite*, que teria dito que Italo era filho de pais baianos: “Como se vê é coisa pouca. Trata-se de um equívoco que do resto não é grave porque também o sangue baiano é daquele bom! Mas, visto que a retificação não prejudica ninguém... façamos-na! Não é verdade?”. Nas veias de Italo, dizia o Pasquino, “corre o sangue de paes italianos”(EQUIVOCI, 1926, p. 16). E sua ligação com a italianidade viu-se também quando foi derrotado pelo português Annibal Fernandes: “A Pátria está perdida! [...] Sim... o português mereceu a vitória... Pobre Pátria!” (CAZZOTTI, 1926b, p. 15).

Compartilhava com os cronistas o sangue italiano que servia bem ao cultivo da identidade nacional, mas uma outra identificação que marcava o jovem boxeador era igualmente atrativa ao jornalismo do Pasquino: é que, se Italo era italiano como os periodistas, vivia também em território paulista e, em virtude disso, estava acima dos pugilistas cariocas. Essa rivalidade regional era um artifício presente na intelectualidade paulista da década de 1920, que queria ver em si mesma a referência de modernidade brasileira, enquanto o Rio de Janeiro era frequentemente encarado como símbolo de decadência, promiscuidade, futilidade, amoralidade e violência. São Paulo, por outro lado,

aparece sempre como a terra do trabalho, do espírito pragmático, da responsabilidade e da seriedade. [...] é simultaneamente Hércules e Apolo, é um ‘titã com miolos de Minerva’. Como se vê, o manejo de recursos simbólicos destinados a ‘ideologizar’ a superioridade paulista atinge dimensões surpreendentes” (VELLOSO, 1993, p. 94).

Com isso, aqueles intelectuais ítalo-paulistanos do Pasquino enfatizavam em Italo suas origens italianas e também suas marcas regionais, promovendo o sentimento de uma *identidade hifenizada* (LESSER, 2001), marcada pelo encontro em constante negociação entre as duas culturas. De tal modo que, na vinda de Crespo ao Brasil, o campeão português teria errado o endereço, pois, em vez de desembarcar em São Paulo, onde estariam os campeões “a sério”, acabou no Rio de Janeiro, onde viveriam os boxeadores “canjas”. Os cariocas teriam nomeado um “campeão” brasileiro que caíra ao segundo soco. A conclusão do Pasquino enfatiza a superioridade de Italo não pelo seu sangue

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

italiano, mas por sua residência no Brasil, colocando-o entre outros nomes proeminentes do pugilismo regional: “Os 'boxeurs' paulistas imediatamente desafiaram o vencedor. Italo, o mourinho Harru e Furriel juram que aqui a coisa será bastante... 'crespa' para o bravo Crespo” (CAZZOTTI, 1925b, p. 14). Quando se realizou o primeiro embate, o Pasquino frisou que “O público concedeu a Italo uma delirante manifestação de entusiasmo e o levou ao triunfo quando ele, sabendo que fez uma figura **muito diferente de... carioca**, decidiu abandonar – ainda em boas condições – o esmurramento desigual” (CAZZOTTI, 1925a, p. 14, negritos meus).

O prestígio de Italo só se vê diminuir na medida em que ele teve de encarar um outro pugilista Italiano. Se o Pasquino gostava do nome do boxeador que recordava a terra natal, Romolo Parboni, seu novo adversário, tinha o nome do fundador mítico de Roma. Contra um paulista de sangue italiano, um italiano nato. É claro que, numa luta entre o até então campeão favorito, ítalo-paulista, e o atleta romano, houve muita excitação pela luta “colossal” que se preparava. Os “palestrinos”, dizia o jornal, italianos radicados no Brasil que eram membros ou entusiastas do Palestra Italia, certamente ficariam ao lado de Italo, já que o paulista “porta ainda o uniforme da famosa escola de boxe, instituída pelo 'Palestra' sob o Ministro Nicolau” (PARBONI O ITALO, 1927, p.16). Mas para o Pasquino, bem, “Parboni é italiano, é romano e nós somos suspeitos para dar o prognóstico” (CAZZOTTI, 1926c, p.20).

Numa charge de 30 de julho de 1927, Parboni cozinha numa frigideira, com um pássaro preto ao lado, simbolizando o seu adversário negro “Passarinho”, ameaçando-o com suas técnicas marciais: “Aplicar-lhe-ei uma dúzia daqueles **golpes secretos** que Cipião Africano... conquistou no Marrocos!” (PARBONI..., 1927, p. 15, negritos no original). A fala faz referência a um general romano antigo, que teria batalhado por conquistas na África e saído vitorioso. A charge tem um papel fundamental em conectar um ídolo pugilista a uma memória vinculada à ideia de nação italiana.

Como pontua Benedict Anderson (2008), passada a experiência revolucionária da ascensão do nacionalismo na América, a representação generalizada da nação, proporcionada pelas mudanças nas percepções do tempo – que passam de um tempo dito messiânico para o tempo histórico, o tempo do relógio, que percebe a cronologia como uma sucessão de fatos que se encadeiam cronologicamente ao infinito – é a da antiguidade nacional. Com isso, os fatos identificados pela História tornam-se domésticos, parte de uma história *nacional*, porque tem-se a nação como algo presente

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desde muito antes. Daí as tentativas de fundação de uma *memória* nacional. As memórias, diz Joël Candau (2016, p. 16), mantêm uma relação dupla com as identidades, pois, assim como a memória é a “faculdade primeira, que alimenta a identidade”, ela também é buscada e fortalecida por demandas identitárias, pois estas operam no sentido de realizar escolhas memoriais, ou seja, escolhas sobre o que deve ser lembrado ou esquecido para sustentar a identidade no presente. Isso é pensar, como em Halbwachs (2006), que as memórias são sempre formulações do presente e estão sempre ancoradas no social, donde vem a possibilidade dessa “metamemória”, uma “memória reivindicada, ostensiva” (CANDAU, 2016, p. 23), que são discursos memoriais sempre em disputa.

Ao lembrar publicamente a figura de Cipião Africano, o jornal contribui com uma tentativa do periodismo burguês de criar “memórias fortes” (CANDAU, 2016), com potencial de agregar os indivíduos e criar laços identitários, através de seu lugar próprio de produção cultural, que é a folha de jornal, colocando-se como esse “transmissor”, que não é necessariamente um “ditador” das representações, mas que inevitavelmente tensiona o jogo das memórias e das identidades na colônia italiana. Cria-se aqui, portanto, uma dupla memória organizadora: conecta-se Romolo Parboni e Cipião Africano produzindo um discurso metamemorial que tem um como representante metafórico do outro e ambos como personagens do interesse de leitores que têm como traço comum o fato de lerem o mesmo jornal, o qual, através do próprio ritual de leitura que produz e com os discursos italianistas que propaga, reforça as ideias de Itália e italianidade. Em outras palavras, Romolo e o Cipião têm em comum, numa memória produzida, o fato de serem ambos *italianos* e representantes da Itália para uma comunidade de leitores.

Outra figura pugilística muito presente no Pasquino foi Erminio Spalla, campeão europeu em 1923. Era um belo “bichão” (CAZZOTTI, 1926d, p. 14), diria o jornal. Era o “toureiro”, “S. M. o Rei dos Socos Erminio Spalla”, o “nosso campeão” (È QUI..., 1926, p. 14). E o entusiasmo não era só em relação ao boxe, mas devido ao fato de ele ser um pugilista *italiano*, que era responsável pela glória da pátria. E isso via-se mesmo em meio às matérias troceiras do jornal: “Porque, prestem atenção, o que está para acontecer é de importância enorme! Trata-se, nem mais nem menos que da honra (pugilística) da Itália e da Argentina. Entende? E que a ‘coisa’ seja de suma importância já o diz o tom solene que estamos usando” (CAZZOTTI, 1926e, p. 14). E era precisamente porque Erminio encarnaria a nação entre as cordas que o *Pasquino* convocava toda a colônia italiana para torcer pelo seu representante: “Fazei como nós: recolhei-vos; e,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

intimamente, fazei uma poderosíssima ‘torcida’ a favor do nosso Erminio. Rezai. E recordai-vos que também no Céu (Deus nos perdoe!!) estão cotadíssimas as preces dos leitores (e mais ainda aquelas dos assinantes) do ‘Pasquino’” (*Id. Ibid.*).

Quando de sua luta com Paolino Uzcudum, a excitação que antecedia a luta era tremenda:

Avante, alegres! Façam como nós: demonstrem confiança, muita confiança, façam os “gargantas”, não tenham medo!
Spalla vencerá: se então não devesse vencer... beh! Isso é algo com que vamos lidar no sábado.
Enquanto isso, digamos: “Esta noite Spalla vai tocar Paolino” e auguremos e evoquemos (CAZZOTTI, 1926f, p. 15).

E, para a infelicidade de sua torcida, Spalla de fato perdeu a luta contra seu adversário espanhol. Os italianos estavam danados, a pátria estava perdida, havia desonra. Não só na torcida e não só na vitória vinham as manifestações de identidade nacional, mas também na derrota: “Mas sim! Estamos desonrados! Nós italianos todos; entendem?” É claro que nessas linhas não há apenas lamúria, há também uma pilhéria, um exagero humorístico na elaboração do texto, mas não nos é necessário, para os nossos objetivos, determinar o quanto esses imigrantes realmente acreditavam que a derrota de Spalla fosse também a derrota da pátria. O que nos importa aqui, e que fica evidente nesses dados que apresentamos, é que, mesmo no chiste, o atleta está explícita e irremediavelmente ligado a uma comunidade imaginada, que se reimagina sempre que é *lembrada* da sua própria existência. Um lutador como Spalla tem para a nação essa serventia: a de representá-la e, fazendo-o, reforçá-la como realidade social.

Embora Spalla tenha sido um ícone do pugilismo no período fascista, a relação mais ostentatória que encontramos entre um boxeador e o regime foi com Primo Carnera, que começou a despontar no cenário esportivo em fins da década de 1920 e tornou-se a grande paixão pugilística dos italianos em todo o mundo, embora não sem muitas controvérsias a seu respeito. Era o Gigante Carnera, o ídolo colossal do Pasquino, retratado em diversas charges ao tamanho da Estátua da Liberdade, ou maior que um carro, ou destruindo prédios.

Foi motivo de grande excitação para o Pasquino em 1930, por seu tamanho, sua força e suas conquistas. No modo como o via, atônito por suas vitórias, várias delas por nocaute, o Pasquino considerava-o imbatível – “Se Carnera continuar a jogar, nos Estados Unidos haverá mais astrônomos que estrelas” (VI DIRÒ CHE, 1930, p. 5). O

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“esmurrador mastodôntico” vencia a todos por K.O. antes mesmo do segundo assalto (CARNERA..., 1930, p. 12). A euforia deixava clara a sua nacionalidade: “daquilo ali, só na Itália!” (LUI CARNERA, 1930, p. 13-4).

A devoção de Carnera ao fascismo era de conhecimento público, embora tivesse passado boa parte da sua vida fora da Itália. Em 1933, quando da conquista do título mundial por Carnera, o governo passaria a capitalizar o sucesso adquirido pelo esportista durante seu trajeto no Novo Mundo em prol da propaganda fascista, ao que o atleta respondia de modo bastante favorável. Após sua vitória sobre Jack Sharkey, Carnera fez uso público da saudação romana e falou em louvor a Mussolini. Além disso, tendo voltado como herói à Itália, lutou em Roma e doou os rendimentos ao Partido Nacional Fascista (DOGLIANI, 2000). No mesmo ano, defendeu seu título contra Paolino Uzcudum sob o olhar de Mussolini, que se sentava no camarote de honra do evento que fora promovido pelo próprio PNF (MOTTADELLI, 2015). Seus discursos eram frequentemente nacionalistas: vencia pela Itália e por seu governante, e com isso gozou de ampla popularidade como herói nacional entre 1933 e 1934. Depois disso, acabou derrubado pelo judeu Max Baer e, em seguida, pelo negro Joe Louis, o que fez com que seu uso como ídolo nacional decaísse rapidamente.

De modo geral, a aproximação do *Pasquino* ao atleta Carnera em 1930 se fazia com entusiasmo, com charges e crônicas vibrantes, com um humor brincalhão que o exaltava. Por outro lado, quando olhamos para o ano em que o colosso italiano alcança o título de campeão mundial de boxe e é tornado um ícone da italianidade fascista, o contraste com as representações de Carnera em relação ao que se produzia em 1930 no jornal é visível. Não obstante a ocorrência de seu nome seja tão presente quanto fora antes, o conteúdo dessas aparições é bem menos empolgante, os textos são notavelmente mais curtos, as charges menos presentes e o tom das piadas mais ranzinza. Nem todos os comentários são realmente antipáticos, mas as narrativas vibrantes das lutas e as torcidas ansiosas estão completamente ausentes.

Carnera não era mais pintado como um ídolo italiano para o *Pasquino*, de modo que seus chistes satirizavam o lugar de prestígio ao qual o alçava a colônia, criticando precisamente a idolatria a um heroísmo que não mais se endossava naquelas páginas. Primo Carnera, herói da pátria? Que dizer então de outros signos da memória nacional como César, Dante, Colombo e o cientista e inventor Marconi? Os comentários do jornal nessa ocasião arrefecem qualquer paixão pelo pugilismo: quando do anúncio do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

espetáculo, uma fria indiferença (FUORI..., 1933, p. 12); e, após a vitória, apenas: “No match Carnera-Sharkey, Sharkey perdeu e Carnera não venceu” (*IL PASQUINO COLONIALE*, 1933, p. 1), seguido de críticas à idolatria carneriana. Não encontramos nenhuma ocorrência de seu nome que fizesse referência à sua vitória na defesa do título contra Paulino Uzcudum em 22 de outubro de 1933.

O mais significativo, entretanto, foi a publicação de uma matéria que, segundo sua introdução, reproduzia dizeres de uma edição de 1929 do jornal italiano *Corriere della Sera*, no qual a italianidade de Carnera era frontalmente contestada (PER..., 1934).³ Vindo de uma família pobre, Primo Carnera emigrou para a França quando pequeno e construiu seu sucesso pugilístico no exterior, tendo que, constantemente, reivindicar a sua italianidade (SPIEGAZIONI..., 1929), motivo pelo qual sua adesão ostentatória ao fascismo caía-lhe bem. Mas, em 1929, quando começava a despontar, ainda na Europa, muitas foram as tentativas de pintar Carnera como não italiano. Emilio Colombo, por exemplo, da italiana *Gazzetta dello Sport*, tê-lo-ia definido como um pugilista francês e, em 1930, chamava-o de Carnerà, com um acento à moda francesa (MOTTADELLI, 2015). A matéria do *Pasquino* ia pelo mesmo caminho:

Em Londres Carnera é extremamente popular, em Paris é popular; em Londres ganha liras esterlinas, em Paris devora a olho quatro costelas, um queijo de cabra e dois quilos de pães por dia.

O que devorou, então, na Itália esse comedor refinado?

Ele devorou a sua nacionalidade.

O antigo carpinteiro não podia na verdade ser um italiano. Era muito grosso e muito simplório, comprido de mais de corpo e curto de mais no espírito; escolheu a França para sua nova pátria, ignorando que a raça latina é beleza e graça, probidade e ousadia.

Essa tonelada e meia de carne podia pertencer à... Mas essa tonelada e meia de carne **não tem nacionalidade** (PER..., 1934, p. 6, negritos nossos)

Por fim, após a sua derrota contra Joe Louis, em junho de 1935, o comentário do jornal foi o seguinte: “O prato do dia: Carnera foi batido no 4.º assalto por Joe Louis. Um outro ídolo quebrou: ou seja, 118 quilos de carne que vão pelos ares” (ORTICARIA, 1935, p. 3).

A respeito dessa estranha passagem da vibração por Carnera em 1930 para o desdém de 1933 há alguns fatos que podem nos ajudar a ensaiar, pelo menos

³ Apesar de apresentar o texto entre aspas, como se fosse uma reprodução fiel, o texto constante na edição apontada pelo *Pasquino* tem uma redação diferente, embora com os mesmos objetivos de questionar a italianidade de Carnera (CARNERA NON..., 1929).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

superficialmente, alguns possíveis motivos. Em primeiro lugar, os dados sobre a ocorrência dos termos relacionados ao pugilismo no jornal ao longo do tempo mostram que há um declínio no interesse pela prática ao fim da década de 1920. Depois, é significativo o fato de que, em 1932, Gaetano Cristaldi assume a direção do semanal – e isso pode ter contribuído de alguma maneira para a mudança no modo como o jornal retrataria um boxeador de um fascismo tão ostensivo. Cristaldi era um jornalista que se recusava a tentar se passar por fascista, ainda que o fascismo ostensivo parecesse o comportamento esperado de um diretor de um jornal burguês da época. Afirmava sua posição crítica em relação ao regime e a sua desamarra intelectual com qualquer doutrina que não fosse, em suas palavras, a sua própria. Com um interesse decrescente tanto pelo boxe quanto pelo fascismo ligado a Carnera, era possivelmente menos provável que a postura adotada em 1930 se perpetuasse.

E, por último, é possível que um evento trágico ocorrido no início de 1933 tenha acentuado ainda mais as possíveis antipatias para com o colosso italiano: no dia 10 de fevereiro, Carnera literalmente matou o seu adversário Ernie Schaaf de tanto bater. Dois dias após ser nocauteado na luta contra Carnera, Schaaf morreu no hospital (MARTIN, 2008). Para uma burguesia intelectual que não raro via o pugilismo como uma manifestação de ausência de civilidade, a morte de um pugilista nas mãos de Carnera pode ter tido seus efeitos. No dia 18 de fevereiro, o *Pasquino* publicou o seguinte excerto sarcástico: “O esporte gentiliza os costumes. Com efeito, Carnera com um soco matou Schaaf” (AOFRISMI, 1933, p. 5).

Considerações finais

A novidade dos esportes que tomou as cidades paulistas desde fins do século XIX criou progressivamente muitos aficionados. A partir da década de 1920, foi o boxe que entrou no rol das modalidades esportivas que despertaram paixões e torcidas em São Paulo. Entre os espectadores das excitantes noites pugilísticas daqueles anos, estavam os imigrantes italianos, notadamente os jornalistas e cronistas esportivos. Arrebatados pela arte dos socos, eles se envolveram ainda mais intensamente na torcida pelos atletas que compartilhavam a mesma comunidade imaginada.

Essa torcida é ao mesmo tempo resultado da condição nacional criada pela modernidade e recriadora constante dessa mesma condição, pois, na medida em que os lutadores representam a nação, contribuem para que a sua existência possa ser reafirmada.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A nação perdura porque ela se lembra dela mesma, ela é forçada a reconhecer a própria existência sempre que é encarnada em um ritual comum – dentre eles, o ritual esportivo. Desse modo, a imprensa e, por conseguinte, o *Pasquino*, fazem do boxe uma dessas oportunidades para produzir continuamente o sentimento de comunidade.

Parboni, Spalla e Carnera eram incontornavelmente, para além de meros boxeadores, boxeadores *italianos*. Italo, por outro lado, era considerado ítalo-paulista, fato que levava o *Pasquino*, que possivelmente também se entendia como paulista, a ressaltar tanto seu sangue peninsular como seu vínculo com a região brasileira que representava. Seu enfrentamento com Crespo mostrava suas qualidades de um “filho de pais italianos” e de um paulista que, por esta mesma qualidade, não era um “canja”. Com isso, o *Pasquino* trazia para o seu público da colônia um perfeito representante de uma identidade hifenizada.

Spalla era Campeão Italiano, Campeão Europeu, um ídolo nacional que carregava consigo a honra e a glória da Itália. Ao enfrentar um campeão africano, Parboni é comparado ao Cipião Africano, incentivando a produção de memórias que poderiam fortalecer a identidade italiana ao unir o militar antigo e o boxeador moderno numa mesma narrativa mitológica sobre a nação.

Já o gigante Carnera viveu duas fases diferentes em sua relação com o *Pasquino*. Em 1930, quando sua carreira decolou nos Estados Unidos, Carnera foi um grande ídolo da colônia italiana e do jornal. Mas, em 1933, ano em que ganha o título de Campeão Mundial, o cenário é muito diverso, deixando de lado os antigos traços de idolatria. Não era, para o *Pasquino* de 1933, razoável que se colocasse um esmurrador entre os heróis da Itália, quando havia na memória nacional outros ícones ilustres considerados de maior brio e de ofícios mais respeitáveis. É possível que uma nova postura do jornal em relação ao boxe, a mudança de seu diretor e a morte de um adversário de Carnera depois da luta tenham contribuído para essa mudança de atitude em relação ao lutador.

Como convém a uma perspectiva teórica que prevê as sociedades – sobretudo aquelas complexas em que predominam tipos orgânicos de solidariedade – como compostas de diversos grupos que disputam a legitimidade de suas representações, este trabalho não pressupõe qualquer universalização dos resultados – pelo contrário, o esforço aqui é o de *localizar* as representações e os discursos estudados, de maneira a entender com alguma precisão o lugar que tais manifestações ocupam no tecido social. O

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Pasquino, portanto, é um dos jogadores que tensionam as representações coletivas da colônia italiana no Brasil sobre o boxe e sua própria identidade nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- BERTONHA, João Fábio. Fascismo, antifascismo e os italianos no Brasil entre as duas guerras mundiais. In: CRUZ, Natália dos Reis (org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, p.83-100, 2012.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.
- DOGLIANI, Patrizia. Sport and fascism. **Journal of Modern Italian Studies**, v. 5, n. 3, p. 326-48, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor de Andrade de (org.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. In: _____ (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins fontes, p. 1-29, 1995.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- MARTIN, Simon. In praise of fascist beauty? **Sport in History**, v. 28, n. 1, p. 64-82, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EdUSP; FAPESP, 2001.
- MOTTADELLI, Roberto. Evoluzione e persistenza dell'iconografia di Primo Carnera nella cultura popolare italiana: mitopoiesi plebea e propaganda fascista. **Altre Modernità**, n. 14, p. 46-63, 2015.
- ROGHATTO, Geraldo M. *Achiropita, fettuccine* e vinho: sobre a italianidade e a colônia italiana de São Paulo. In: DE BONI, Luis A. **A presença italiana no Brasil vol. 2**. Torino: Escola Superior de Tecnologia; Fondazione Gioivanni Agnelli, p.411-23, 1990.
- TRENTO, Angelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986.
- TRENTO, Angelo. **Imprensa italiana no Brasil**: séculos XIX e XX. São Carlos: EdUFSCar, 2013.
- TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista**: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950). São Paulo: Unesp, 2016.
- VELLOSO, Mônica. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993, p. 89-112.
- WACQUANT, Loïc. **Body and soul**: notebooks of an apprentice boxer. New York: Oxford University Press, 2004.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FONTES

- FUORI spettacolo. *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p. 12, 17 jun. 1933.
Il Pasquino Coloniale, São Paulo, p. 1, 15 jul. 1933.
- AOFRISMI. *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p. 5, 18 fev. 1933.
- CARNERA il super gigantesco campionissimo in uno speciale servizio telepatico del “Pasquino”, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.12, 1 de março de 1930.
- CARNERA NON È più italiano. *Corriere della Sera*, Milano, p. 4, 6 dez. 1929.
- CAZZOTTI, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.15, 17 de outubro de 1925a.
- CAZZOTTI, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.14, 23 de julho de 1925b.
- CAZZOTTI, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.16, 26 de junho de 1926a.
- CAZZOTTI, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.15, 24 de julho de 1926b.
- CAZZOTTI, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.20, 14 de agosto de 1926c.
- CAZZOTTI. *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p. 14, 10 de abril 1926d.
- CAZZOTTI. *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p. 14, 3 de abril 1926e.
- CAZZOTTI. *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p. 15, 15 maio 1926f.
- È QUI Spalla. *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p. 14, 17 abr. 1926.
- EQUIVOCI, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.16, 13 de fevereiro de 1926.
- Il Pasquino Coloniale, *A Gazeta*, São Paulo, p. 3, 27 de julho de 1918.
- LUI CARNERA, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.13-4, 22 de fevereiro de 1930.
- ORTICARIA. *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p. 3, 29 jun. 1935.
- PARBONI O ITALO, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.16, 10 de dezembro de 1927.
- PARBONI vs. Peter Johnson, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.15, 30 de julho de 1927.
- PER la storia. *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p. 6, 23 jun. 1934.
- SCACCHI Matti, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.12, 3 de maio de 1930.
- SPIEGAZIONI di Carnera sulla questione della nazionalità. *Corriere della Sera*, Milano, p. 3, 20 dez. 1929.
- VI DIRÒ CHE, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.5, 26 de abril de 1930.